

## O sujeito tem saída frente à violência e à destrutividade? <sup>1</sup>

Bárbara Conte <sup>2</sup>

### Resumo

A proposta desta comunicação é examinar a produção de subjetividade e a constituição do psiquismo à luz da violência que marca nosso tempo. A subjetividade é entendida a partir da pós modernidade e a constituição do psiquismo é compreendida através de problemáticas do pensamento psicanalítico contemporâneo: o masoquismo, o traumático e o gozo. Em nossa clínica verificamos estas manifestações a partir de formas narcisistas de manifestações psicossomáticas e transtornos autodestrutivos.

**Palavras Chaves:** produção de subjetividade, constituição do psiquismo, masoquismo, traumático, gozo.

“Agora vigora a agoridade”. Donald Schüler.

A proposta desta comunicação é examinar a produção de subjetividade e a constituição do psiquismo à luz da violência que marca nosso tempo. A produção da subjetividade, em nossos dias tem relação com a violência assim como a constituição do psiquismo, que se apoia no traumático de como a sedução se inscreve na criança predominando a passividade. Nesse contexto, encontramos o masoquismo como uma condição inicial na vida do sujeito e deve ser transposto para que o sujeito torne-se livre.

---

<sup>1</sup> Trabalho encaminhado para o Segundo Encontro Mundial dos Estados Gerais da Psicanálise. Rio de Janeiro. Outubro de 2003.

<sup>2</sup> Psicanalista. Doutora em Psicologia pela Universidade Autônoma de Madrid. Membro Pleno do Núcleo de Estudos Sigmund Freud.

## **Modernidade / pós-modernidade na constituição da subjetividade**

As teorias da modernidade centralizaram-se em um sujeito racional, autônomo, autoritário. A racionalidade do modernismo, em sua versão burocrática e comercial, fez com que se perdesse o objetivo da ruptura, da ousadia transgressiva que inova, desafia e dá lugar ao criativo e coletivo. O pós – modernismo aparece como uma reação a esse estado de coisas, buscando revalorizar o sujeito e o processo de diferenciação. Ou seja, o sujeito está colocado em relação a outro – semelhante – e seu processo histórico engendra-se a partir desta necessária alteridade.

As reações ao paradigma da era moderna são propostas de várias formas, por vários autores. Jacques Derrida propõe um radical “descentramento do sujeito”, colocando que os textos não têm autores com objetivo e intenção definidos; que a linguagem não tem oradores com identidades estáveis. Não pode haver uma leitura privilegiada de um texto ou de qualquer outra prática cultural, com um certificado de autenticidade e universalidade. Nenhum autor ou leitor, nenhum agente ou sujeito, pode ser o vetor privilegiado do significado. Mas será que alcançamos isto em nossa cultura? Estamos ainda presos a princípios de *desempenho* e de *competência* que nos colocam em uma posição de sujeitamento e põe em risco uma condição imprescindível de nossa vida: *o reconhecimento que pressupõe a alteridade*.

Krishan Kumar <sup>3</sup> nos diz sobre a pós-modernidade que “a idéia de uma cultura e de uma identidade nacionais é atacada em nome de culturas "minoritárias" – as culturas de grupos étnicos, de seitas religiosas e comunidades específicas, baseadas em

idade, sexo ou sexualidade. Promove a “política da diferença”. (p.132) A arquitetura pós-moderna acompanha esta idéia estando a ênfase colocada em projetos em pequena escala, ligando pessoas e bairros e objetivando cultivar o *ethos* de determinados lugares e culturas locais.

O sujeito, desta forma, deveria se encontrar nas semelhanças e nas diferenças que o colocaria em um lugar próprio, não egoísta, de solidariedade e sociabilidade. No entanto, não é isso que verificamos em nosso dia a dia tanto na convivência de grupo como em nossa clínica. O sujeito descentrado da alteridade e da diferença dá lugar ao sujeito da apatia e da indiferença que invade a intelectualidade e as relações sociais. O paradigma do consumo tende a obstaculizar as oportunidades de socialização já que trabalhar, ganhar dinheiro e consumir ocupam todo o tempo. Os shopping malls tornaram-se as vedetes das possibilidades de “encontros”. A cidade, neste panorama, está fragmentada em três grandes pedaços que vivem entre si relações absolutamente exteriores: as zonas de comércio e escritórios, as zonas residenciais ricas e os guetos, sendo que as pessoas se ignoram, tornam-se estranhas entre si e hostis uma às outras.<sup>4</sup>

Aquele que deveria ser o paradigma da solidariedade ou da hospitalidade tornou-se o do afastamento; as realizações comunitárias e locais passam ao individualismo do consumo. Este é o fermento das competições da violência. Só é visto quem tem poder de compra. Quem não o tem torna-se invisível e, portanto, busca com

---

<sup>3</sup> KUMAR, K. Da Sociedade pós-industrial à pós-moderna. Novas Teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1997, p.132.

<sup>4</sup>CASTORIADIS, C. La cuestión de la democracia. In: *Zona Erógena*. Revista Abierta de psicoanálisis y pensamiento contemporáneo. Buenos Aires, n.44.1999.

violência sua visibilidade e seus prazeres. Parece haver um afastamento entre o que nos dizem os intelectuais da cultura e a vivência que observamos em nossas instituições (famílias, grupos, sociedades psicanalíticas).

As experiências de violência de nosso mundo estão embutidas na produção de subjetividade. Marilena Chauí<sup>5</sup> diz “não me preocupo tanto com novas formas de subjetividade, mas com novas formas de sociabilidade, por que é nelas que uma subjetividade é modelada e plasmada”. Assim sendo, as formas de sociabilidade de nossa cultura estão permeadas por expressão do fanatismo religioso, pelas mensagens de sexo e violência da televisão e dos meios globalizados de mídia, pelos apelos incessantes de consumo e do não compromisso dos sujeitos frente ao mundo. Tais processos de subjetivação<sup>6</sup> traduzem-se na importância dada ao consumo, à necessidade de ascender socialmente – “subir na vida - e de passividade diante da resolução do problema, que é transferido ao outro (quer seja Estado ou o “superior”). Temos o exemplo recente, onde mesmo frente a todo o apelo internacional contra a guerra, contra a violência como represália frente à violência, Bush atacou o Iraque e desprezou o apelo internacional e a ONU. O que detém a violência em suas expressões mais variadas de poder, que buscam prestígio e força econômica é a *força da lei*, e esta anda enfraquecida.

Na subjetividade ou na sociabilidade a recuperação dos nexos históricos, possibilita a representação de um problema em nível público e o conhecimento de seus significados no nível privado. Aí podemos fazer a intersecção da psicanálise com o

---

<sup>5</sup>CHAUÍ, M. Comentários. In: *Conferências sobre subjetividades*. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 1995, p.18-25.

social, do privado e do público, do sujeito e seus pares. A recuperação da lei – e do cumprimento da lei - ocorre tanto no nível privado como no público. Este tema da lei está em contrapartida com a transgressão, a perversidade em todas as suas dimensões.

Redefinir o conceito de perversão se faz necessário, pois “já não se trata da transgressão da zona, nem do modo de exercício da genitalidade, senão de articular, na cena sexual, o encontro com outro humano” <sup>7</sup>. Podemos ampliar este conceito e pensar que a *impossibilidade do encontro* com o outro não se dá somente no campo da cena sexual, mas sim da *intersubjetividade*, da relação do sujeito com o outro na exterioridade. Tomo a idéia de Joel Birman <sup>8</sup> quando diz “que o que caracteriza o autocentramento da subjetividade na cultura do narcisismo é justamente o *excesso de exterioridade*”. É a demanda do espetáculo e da performance. O sujeito dito “fora-de-si” é fruto da pós-modernidade que legitima e valoriza as formas perversas de gozar que realizam o projeto legitimado de subjetividade. Estas duas idéias falam de que o encontro com o outro só pode se dar neste contexto de gozo, de “espetáculo”, onde o outro fica como aquele que tem de legitimar o transgressivo, porém impedido de se instalar como sujeito que fixa os limites próprios da ação intersubjetiva. Este é o lugar passivizado e excluído do que entendemos como relação.

---

<sup>6</sup>COIMBRA, C. Doutrina de Segurança Nacional e produção de subjetividade. In: *Clínica e Política, Subjetividade e Violação dos Direitos Humanos*. Te Corá. Instituto Franco Basaglia. Rio de Janeiro. 2002.

<sup>7</sup> BLEICHAMR, S. Por um balanço em direção ao futuro da psicanálise. In: *Psicanálise e Universidade*. Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise. Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, número 14. Abril de 2001.

<sup>8</sup> BIRMAN, J. Mal estar na atualidade. A psicanálise e as novas formas de subjetivação. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1999.

## **Problemáticas na Constituição do Psiquismo**

“o saber que se sabe é insuficiente para caracterizar o sujeito humano, mais exatamente esta possibilidade do sujeito humano que é a reflexividade (...) é por uma criação histórica que esta possibilidade se transforma em realidade efetiva: neste sentido há, certamente, autocriação da subjetividade.” (Castoriadis, 1992)

Do social ao individual, a condição da criação histórica faz emergir o processo de subjetividade. Na constituição do psiquismo encontramos pontos que também dão suporte para essa discussão e que se constituem *problemáticas* no pensamento psicanalítico contemporâneo: o masoquismo, o traumático e o gozo nos colocam a pensar por que a violência e o abuso se incrementam no cotidiano de nossa clínica sob formas narcisistas e autoritárias de constituição do sujeito, assim como as múltiplas intervenções cirúrgicas, o abuso de medicamentos, as manifestações psicossomáticas e os transtornos autodestrutivos.

### **Masoquismo e sexualidade - reflexividade**

A sexualidade humana é *essencialmente traumática*, e o *masoquismo* está *no seio da sexualidade*. A constituição do psiquismo também está marcada pela intrusão de um outro/semelhante que se inscreve de forma traumática. Este movimento inicial que é estruturante e defensivo torna-se uma disposição masoquista que assume a forma de lidar com o traumático ou de lidar com o gozo <sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> As idéias desenvolvidas nestes três itens que denominei problemáticas são desenvolvidos no livro **Prazer e Dor. O masoquismo e a sexualidade**, de minha autoria. Porto Alegre. Editora Criação Humana. 2002.

Em Freud <sup>10</sup>, até 1924, o masoquismo era secundário ao sadismo. Porém, podemos entendê-lo como um movimento primeiro, uma etapa primordial, que corresponde ao retorno para si mesmo, no próprio corpo [auto-erotismo], estando o prazer e a dor no mesmo sistema psíquico como condição de satisfação erógena. Isso corresponde a uma etapa primeira em que destacamos lastimar-se, movimento de autocastigo, onde "*encontramos a volta para a própria pessoa sem a passividade para uma nova*" e que é um movimento *reflexivo*.

Esse movimento de reflexividade implica inicialmente, a inscrição do sexual traumático na criança, como se engendra a pulsão e como ocorre a passagem da pulsão pelo objeto. A *reflexividade* é o movimento que se compõe da sedução, sua dissolução em marcas pelo caminho da tradução e por uma nova unidade que se cria, que é a instauração da pulsão, através do mecanismo de *retorno para a própria pessoa* <sup>11</sup>. Sob essa perspectiva, a criança é objeto frente a um outro sujeito, desde uma posição passiva de intrusão, e na transformação do passivo para o ativo, esse processo tem uma fase intermédia na que há retorno para a própria pessoa (mudança de objeto), em que a meta tem se tornado reflexiva (fazer sofrer a si mesma).

A partir desse momento primeiro, os registros vivenciados vão se tornando complexos, através de sucessivos movimentos de reflexividade ou, dito de outra forma, vai ocorrendo a mediação da sedução que determina a *efetividade do traumático* e assinala a transição do passivo para o ativo.

---

<sup>10</sup> FREUD, S. (1915)OC. AE. Pulsión y destinos de pulsión. V14, p.123.

<sup>11</sup> Este mecanismo aparece em Pulsão e destinos da pulsão como um dos destinos primários da pulsão. Depois, no Problema econômico do masoquismo

Parto da teoria de Freud sobre o *traumatismo*, ou seja, a sedução paterna precoce e a quantidade de energia que invade a membrana pára-excitação, gerando efração e introduzo as contribuições de Jean Laplanche quanto à *sedução generalizada*. A sedução, na concepção proposta, amplia-se para além do factual, constituindo-se na intromissão de mensagens de carácter sexual na criança que se tornam enigmáticas e traumáticas pelo excesso de excitação que contém, pelo desconhecido e intraduzível que são para a criança e que, por isso, necessitam de tramitação psíquica. O masoquismo, na primeira concepção freudiana, está do lado do apoio-sedução, ou seja, a sedução é o que propulsiona a sexualidade e daí a fórmula utilizada por Laplanche de que "a verdade do apoio é a sedução".

No limite entre o traumatismo e a pulsão de morte é onde se encontra a disposição masoquista que reúne: a) a excitação que coloca a criança passiva; b) as precoces experiências de satisfação e de dor num incipiente psiquismo em que a diferenciação tópica começa a acontecer. Esse processo supõe a constituição da tópica psíquica, do ego e de novas formas de prazer que se criam. O masoquismo é retirado de uma concepção biologista e secundária do sadismo, e colocado em um tempo primeiro na origem da pulsão.

O masoquismo visto dessa ótica, encontra, na metapsicologia, um código próprio de constituição do sexual e abre recursos para se transformar. Passa a ser uma forma de prazer primário que corresponde a uma *disposição masoquista* que tem como meta trabalhar com o *traumático* e com o *desamparo*, através da representação,

---

esta noção está incluída como movimento inerente da pulsão no caminho da constituição do sujeito.

teorização e recalque do sexual. Tomado sob uma *perspectiva* de organizar-se como uma forma de gozo, manifesta-se, posteriormente como modo de organização de patologias, onde o sujeito se inflige *sofrimento, humilhação e dano*.

### **Pulsão de morte e traumatismo - passividade**

O “*problema econômico*” ocorre quando a dor e o desprazer podem deixar de ser advertências para constituir-se eles mesmos em metas, o princípio do prazer fica paralisado e o guardião de nossa vida, narcotizado. Na medida em que Freud tem articulado esse paradoxo e procura explicá-lo, modificando sua teoria do masoquismo, poderíamos pensar que o prazer masoquista se converte em modelo do prazer. Trata-se, então, de um efeito da efração, do traumático que coloca o sujeito em uma condição passiva e masoquista.

O traumático é um excesso de realidade, uma quantidade que precisa tramitar, tomar um caminho psíquico, a fim de se organizar. Ocorre, no momento do excesso, a relação entre o imediato <sup>12</sup> e o traumatismo. O excesso de realidade que, neste caso, é a sedução, é vivida como traumática. A compulsão de repetição, em sua incessante tendência a fazer retomar o que é vivido como excesso, torna-se uma possibilidade mediadora entre o traumático, a dor e a sexualidade criando condições para que o sujeito tenha a possibilidade de trabalhar a dor e o prazer em campos distintos.

---

<sup>12</sup> No corpo se registram as experiências de amamentação e se ligam às impressões reais (*realität*). A esses registros no corpo e às impressões reais Freud denominou-os de “realidade material”. A *realität*, ou realidade

Dessa forma, a pulsão de morte e o masoquismo estariam em correlação, porém regidos por mecanismos distintos. O desligado da pulsão de morte, que é vivido passivamente, encontrará na compulsão de repetição sua forma de transformar-se em atividade. O masoquismo, como excitação que inscreve o sujeito no campo da sexualidade, terá como mecanismos o retorno para a própria pessoa e a transformação no contrário sua forma de atuar psiquicamente, no caminho da mediação e da temporalidade histórica.

Por outro lado, a erotização da dor toma o destino do gozo, de uma sexualidade fracassada, pois está baseada em formas de sedução traumática que gera efração e dor que se transformam em inscrições no corpo erógeno e no psiquismo de forma marcante, destrutiva, extraviada. São estas formas anacrônicas de repetição, não históricas e que levam ao conceito de intromissão do sexual, que não permitem a tradução e o recalque. Também são formas de patologias de fronteiras e de patologias no corpo como a infertilidade, o câncer e a anorexia, que operam no campo dos mecanismos anteriores ao recalque.

### **Do gozo à fantasia: a expropriação da posse**

Encontramos algumas acepções para a palavra gozo das quais destaco a noção de *posse* de alguma coisa da que se *desfruta* e de onde se obtém *prazer*.

Gozo, na acepção psicanalítica, advém de duas vertentes: uma, que tem origem na contraposição ao conceito de desejo; outra, que parte do sentido de *Genuss*,

---

*imediata*, pertence à ordem do meramente empírico, baseado na experiência, sendo por isso denominada de realidade factual ou objetiva.

advindo do texto hegeliano no que faz notar a distinção entre desejo e gozo quando diz que, no desejo, um objeto é suprimido (*aufheben*) e um outro objeto se substitui em seu lugar; enquanto que na situação de gozo, o objeto é adiado e retido, tornando-se um ideal <sup>13</sup>. O gozo captura o objeto em uma forma incessante de prazer. Diz Lacan que não é a lei que impede o acesso do sujeito ao gozo, "é o prazer que introduz no gozo seus *limites*, o prazer como ligação da vida, incoerente, até que uma outra proibição, esta incontestável, erga-se da regulação descoberta por Freud como processo primário e pertinente lei do prazer" <sup>14</sup>. O gozo se transforma em desfrute insaciável, em que o princípio do prazer-desprazer não intervém como forma de descarga satisfatória.

A associação entre o gozo e o masoquismo está marcada pela via do corpo e pela noção de apropriação. O gozo e a dor dão a condição recíproca um ao outro de que se pense na dimensão de sujeição do indivíduo ao outro. Para isso, refiro-me à noção de gozo como "usufruto", no sentido "do desfrute da coisa enquanto que é um objeto de apropriação e ocultando na teoria que a apropriação é uma expropriação, pois algo somente é meu enquanto que há outros para quem o 'meu' é alheio. Somente pode gozar-se, juridicamente, daquilo que se possui, e para possuí-lo plenamente é necessário que o outro renuncie a suas pretensões sobre esse objeto" <sup>15</sup>.

Partindo dessa noção em que o gozo é o usufruir de algo como apropriação do que não é meu, pode-se pensar em todo o "ingresso" do outro, seja sob a forma de cuidados autoconservativos, como nos diz Freud, seja sob a forma de mensagens

---

<sup>13</sup>HEGEL, F. O sistema da vida ética. Trad. francesa de J. Taminiaux. Georg Lasson, p.116.

<sup>14</sup> LACAN, J. (1995), Subversion du sujet et dialectique du désir. In: *Écrits*. Paris. Seuil, p.821.

enigmáticas, conforme Laplanche, é uma maneira de apropriação do objeto, em nosso caso, o incipiente sujeito. Tal apropriação se faz pela via da sedução, gozo do corpo.<sup>16</sup>

A problemática sujeito-objeto novamente reaparece e ganha força quando se pensa nesta relação entre o gozo e o masoquismo. Quando o sujeito e o objeto se fundem, conforme as palavras de Lacan<sup>17</sup>: “o sujeito assume esse papel de objeto, (e) é exatamente isso que sustenta a realidade da situação do que se denomina de pulsão sado-masoquista, e que está apenas em um ponto - na própria situação masoquista. É no que o sujeito se faz objeto de uma vontade outra, que não somente se fecha, mas que se constitui a pulsão sado-masoquista”.

A passagem do gozo à fantasia está descrita por Freud ao teorizar sobre a sedução à que está exposta a criança. Em seu texto *Uma criança é espancada*<sup>18</sup>, o autor inter-relaciona as pulsões, o surgimento das fantasias, o masoquismo e introduz, não por acaso, a cena que produz o fantasma “*ser batido pelo pai*”. Essa cena supõe um outro que, ao exercer a ação de bater, coloca o sujeito na condição de receber um montante de excitação que necessita se satisfazer ativamente de forma passiva, masturbatória, auto-erótica.

O fantasma “*ser batido pelo pai porque ele me quer*” contém uma transposição que se torna indispensável apontar. A premissa de que “*me batem porque sou uma*

---

<sup>15</sup> BRAUNSTEIN, Néstor. (1990), *Goce*. México. Siglo Veintiuno, p.16.

<sup>16</sup> O movimento de expropriação é dado pela possibilidade de que as excitações, tramitando no circuito pulsional, façam a transposição do passivo ao ativo, proporcionando ao ego traduzir e recalcar as mensagens do excesso sexual do outro, rumo à constituição do sujeito. A expropriação torna o sujeito e o objeto distintos entre si, implicando a renúncia em usufruir o corpo seduzido da criança.

<sup>17</sup> LACAN, J. (1973). *Les quatre concepts fondamentaux da psychanalyse*. Paris, Seuil, p.168.

*criança má*" é transformada em "*me batem porque me querem*" e depois recalçada. Da passagem de uma formulação a outra, diz Freud, a condição masoquista passa a ser a origem não somente da perversão, mas também das fantasias sexuais infantis, sendo bater=amor.

Através desta via do pensamento freudiano, a fantasia, que se torna inconsciente no sujeito, é a de "*ser espancado pelo pai*", e, nessa perspectiva, a fantasia é basicamente masoquista.<sup>19</sup> As fantasias são mediações, formas de expropriação do outro que se formam na passagem da sujeição da criança frente à intromissão do sexual do adulto, até as teorizações. As fantasias assumem, inicialmente, esse caráter masoquista, justamente pela condição de sujeição da criança que tem de se desprender de seus objetos originários. As fantasias decifram o enigma da intromissão da sexualidade<sup>20</sup>.

Tem-se, então, a via pela qual o sujeito deixa o posto masoquista submetido. Esse caminho é o do *abandono, desprendimento, perda* dos objetos originários. Pode-se dizer que é este o trabalho a que se refere Freud ao longo de sua obra para que a criança se transforme em sujeito, e ressalta esta afirmativa quando diz que "discernimos uma condição para que se institua o exame de realidade: tem de se

---

<sup>18</sup> FREUD, S. (1919). OC.AE. V. 17.

<sup>19</sup> Este tema pode ser ampliado no livro da dor e do amor de J.D. Nasio. Rio de Janeiro. 1996, p.138.

<sup>20</sup> Os modelos precursores da intromissão são: em *Totem e Tabu* (1913) a forma oral-canibalística do objeto primário - amar=devorar, resultante de projeção da hostilidade inconsciente sobre os demônios, no tabu dos mortos, modelo que Melanie Klein adotou como primórdio da identificação; em *Leonardo da Vinci e uma lembrança infantil* (1910) a ligação inicial é descrita "a mãe, que amamenta a criança, ou melhor: de quem a criança mama, tornou-se um abutre que introduz sua cauda na boca da criança", fantasia homossexual passiva, de sexualidade, "introduzida" pela mãe-abutre no bebê. Modelo para a teoria da sedução generalizada de Laplanche.

haver perdido objetos que outrora procuraram uma satisfação objetual (real)”<sup>21</sup>. O processo de mediação ou de reflexividade é a transformação que leva em conta o objeto, mas o transforma em ego por meio do abandono do objeto. Quando ocorre a manutenção da posição de sujeição, a criança não realiza a mediação, não se desprende dos objetos originários, tornando impossível seu lugar histórico de sujeito.

Tanto as pulsões têm de se "*domar*", como os objetos primários de identificações que proporcionam a estruturação do ego têm de ser abandonados. A perda dos objetos primários é a condição do recalque e da identificação secundárias. Quais são as possibilidades que se encontram para sair de tal posição passiva e dominada pelo outro? O amor é o substituto do objeto perdido e, quando o sujeito se descapture do gozo do outro, pode se colocar como aquele que vê, aquele que fala, mas não aquele que sofre<sup>22</sup>.

A força da lei retorna aqui como o amor capaz de descapturar, bem como marcar o interdito, como o limite da dominação (quer pelo desejo incestuoso, quer pelo desejo homicida). Esta é a condição da passagem para a alteridade simbólica, ou seja, a forma de inscrever em si mesmo o outro sem ficar *capturado* nesse outro, estando ele "*presente em mim*", mas "*diferente de mim*"<sup>23</sup>. A *perda do objeto* dos desejos edípicos preconizada por Freud estabelece a condição de simbolização, de abstração. O ideal encontra-se dentro do sujeito. O reconhecimento supõe a

---

<sup>21</sup> FREUD, S. (1925)OC.AE. A negação. V.19. Nesse texto Freud faz a distinção entre o subjetivo e o objetivo. O subjetivo se dá por meio do ato do juízo adverso, que afirma ou nega conteúdos do pensamento e que é um substituto intelectual do recalque. Por outro lado, o objetivo é o exame da realidade, mais do que "encontrar na percepção objetiva (real) um objeto que corresponda ao representado, convencer-se de que ainda está aí"(p.255).

<sup>22</sup> Freud, em Uma criança é espancada, ressalta o caráter de que a cena de espancamento que causa prazer é vivenciada por outro. O sujeito se exclui.

alteridade, um sujeito frente a outro. A partir daí, ocorre o reconhecimento da distinção sexual anatômica e a descaptura ou desalienação, através da lei.

A fórmula do ego=ego é reflexiva e identificatória, pois coloca o sujeito frente a si mesmo. A transposição do passivo ao ativo faz com que o sujeito abandone a posição amar-se a si mesmo, introduzindo nova equação eu-outro, tempo do recalçamento propriamente dito e da lei que possibilita as identificações secundárias. É a passagem da reflexividade para a alteridade. O sujeito histórico é o que se reconhece através da identificação e se diferencia do outro, através da atividade.

Para concluir quero remarcar as idéias que procurei apresentar. O paradigma da tópica intersubjetiva, que permite ao sujeito seu gesto solidário frente a um outro, está definido como reflexividade e mediação da realidade. Leva-se em conta a força da lei que se instala como limite e condição de amor. A subjetividade emerge deste campo de conflito e de soluções. O paradigma da perversão, entendido como impossibilidade do encontro e excesso de exterioridade, está definido pelo gozo, pelo imediato da cena e do fato. O resultado é a indiferença pelo outro e o egoísmo, formas estancadas da capacidade de se constituir a alteridade. São duas posições que traçam caminhos distintos no vivenciar da cultura em suas formas de violência, e tomam rumos diferentes frente à destrutividade do sujeito.

---

<sup>23</sup>Para aprofundar o tema, ver Lévinas, E. Entre nós. Ensaio sobre a alteridade. Rio de Janeiro. Vozes. 1997.